

AMAZÔNIA: UMA VISÃO QUE EMERGE DAS ÁGUAS¹

Ricardo José Nogueira²

RESUMO:

O objetivo do texto é fazer emergir do pesado manto do discurso acadêmico uma outra visão da Amazônia, não a dos holofotes dos grandes eventos que incandescem o observador, impedindo-o de ver além de sua luz, mas de uma Amazônia de acontecimentos quase imperceptíveis que lhe dão vida. Uma Amazônia que acontece nos vales fluviais, a Amazônia das várzeas, e ainda preserva um modo de vida peculiar, extremamente dinâmico e com rede própria de relações. Uma Amazônia que permanece na sombra. Ou na água, esquecida ou negada com a máscara do atraso para ser superada. Que contudo teima em existir, e não se constitui, para o discurso hegemônico, como foco ou vítima da ação dos atores dominantes. É dessa Amazônia que o texto fala, dando-lhe uma visão de dentro, do seu âmago. Uma visão que emerge das águas...

PALAVRAS-CHAVE:

Amazônia discurso várzeas modo de vida visão/imagem.

RÉSUMÉ:

Ce texte a pour but de faire émerger du lourd manteau du discours académique une autre vision de l' Amazonie: au lieu de celle des réflecteurs des grands événements qui éblouissent le spectateur et l'empêchent de voir au-delà de leur lumière, la vision d'une Amazonie d'événements à peine perceptibles mais qui lui donnent vie. Une Amazonie qui se concrétise dans les vallées des fleuves, l'Amazonie des plaines cultivées et qui conserve toujours un mode de vie particulier, extrêmement dynamique et qui a son propre réseau de relations. Une Amazonie qui demeure dans l'ombre. Ou bien dans l'eau, oubliée ou même rejetée, qui porte le masque du retard, de ce retard qui doit être rattrapé. Une Amazonie qui, malgré tout, s'obstine à exister et qui n'est pour le discours dominant ni le centre d'intérêt ni la victime des actions des acteurs dominants. C'est de cette Amazonie dont parle le texte; c'est une vision qui vient de son intérieur. Une vision qui émerge des eaux...

MOTS-CLÉS:

Amazonie discours plaines cultivées mode de vie vision/image.

"Zeca Macedo, proprietário do barco 'Iane José', comunica a todos que estará fazendo recreio com destino a Janaucá, saindo dia 09 às 7:30 da Escadaria dos remédios, escalando na Ilha do Baixio, Curari, Muratu, Janaucá, até Caapiranga. Água mineral e cafezinho é grátis. Excelente tratamento à bordo. Você desfruta viajando pelo confortável barco 'Iane José' Nosso amigo Zeca Macedo agradece a preferência."³

A intenção aqui é trazer algumas reflexões que já de alguns anos venho fazendo sobre a Amazônia e principalmente a respeito dos discursos sobre a mesma. Isto começou a partir de um trabalho realizado sobre o transporte fluvial na região onde me deparei com uma Amazônia que não era a dos discursos dominantes.

Em primeiro lugar gostaria de ressaltar que em poucos anos, mais ou menos trinta, esta região deixou de ser uma terra sem homens, como pregava o discurso oficial e militar, para ser uma terra de conflitos e nova fronteira para acumulação do capital, a partir dos grandes projetos, como destaca principalmente o discurso acadêmico; discurso que, se por um lado contribuiu de forma decisiva para expor

as claras as mais diversas formas de apropriação/ uso recente da terra na Amazônia, com a constituição de malhas públicas e privadas, visíveis ou não, por outro lado, tornando-se um discurso hegemônico, fez com que se consolidasse uma imagem de Amazônia, que, embora real, não é total. Criou-se um obstáculo para pensá-la de outra maneira, talvez pelo fato de se privilegiar apenas um viés.

- 1 Texto apresentado em Mesa Redonda por ocasião da comemoração do Dia do Geógrafo, em 29/05/96, na cidade de Manaus.
- 2 Professor do Departamento de Geografia da Universidade do Amazonas.
- 3 Anúncio de Rádio local transmitido diariamente de Manaus no programa "Correspondente do Interior", em ondas curtas, (atingindo toda a bacia amazônica) e destinado aos moradores das vilas dos rios e lagos.

Assim, não penso em constituir uma outra visão, uma outra imagem de Amazônia, até porque ela já existe. É preciso apenas fazê-la emergir do pesado manto que é o discurso do acontecimento dos grandes projetos.

Ainda que partindo do pressuposto de que o discurso é apenas incompleto e não irreal, acredito que algumas indagações devem ser postas. Porém, antes de fazê-las, é necessário resgatar as origens do mesmo. Penso que a obra que inaugura e marca o temário é a de CARDOSO E MULLER (1977), tratando da expansão do capital na Amazônia. Descrevendo com precisão a ação do Estado, através de vários planos e programas, e do capital privado, os autores passaram a ser referência obrigatória para quem quer "entender" a Amazônia. Seguem-se as obras de IANNI (1979, 1981), tratando da colonização na ditadura, da questão política do acesso à terra na região e das lutas e conflitos pela mesma. MARTINS (1982), abordando a migração, percebe a superposição de territórios como fruto do conflito: é a frente pioneira X frente de expansão. PINTO (1980) segue o rastro do saque e BECKER (1982, 1990) procura analisar toda a geopolítica destinada a integração da região.

Pensamos que não há contradição com o real nas obras destes autores. Como os mesmos se prendem a compreender o processo de incorporação da região à nação e ao mundo, e como as ações adotadas pelo Estado foram de forte impacto, constituindo-se um "fato importante" como poderiam os mesmos investigarem outra coisa? Afinal, grandes transformações estavam ocorrendo e continuam a ocorrer na região.

O problema maior, penso, é que da mesma forma como a história da Amazônia foi contada a partir de grandes acontecimentos, começando pela coleta das drogas do sertão e depois pelo período áureo da borracha, o momento atual conta a história dos grandes projetos. Todos estes eventos agiram e agem, de certa maneira, como um holofote que, incandescendo o observador, impede-o de ver algo além de sua luz. Basta ver o hiato existente da crise da borracha até os grandes projetos. Disto para a generalização é um passo. A Amazônia aparece na atualidade como uma região sinônima de devastação, conflitos, grandes projetos, conquistada na pata do boi e cortada por rodovias com os respectivos atores sociais e suas temporalidades específicas.

Apesar da validade dessa leitura, que não pode deixar de falar do estado e do Capital, como se só isso ou só assim os estudos ganhassem um caráter

crítico ou o estatuto científico, acredito que a região, para ser compreendida em sua totalidade, deve ser lida também a partir de acontecimentos que, de forma quase imperceptível, dão vida à mesma, ou seja, como é a Amazônia que não foi afetada pelos grandes projetos? Pois é só dessa que se fala.

Em segundo lugar, é fundamental atentar-se para a velocidade da diferenciação interna que vem se processando na região. Contudo, antes de falar da diferenciação interna constantemente produzida, é válido salientar a diferenciação dada pela natureza: refiro-me a uma Amazônia que acontece nos vales dos diversos rios, nas várzeas, que ainda preserva um modo de vida peculiar e extremamente dinâmico no que diz respeito à produção e circulação ribeirinha, ainda que não possa ser chamada de moderna, mas que constitui uma rede própria. O moderno ou capitalista está exatamente numa outra Amazônia, no seu espaço periférico, não inundável, propício para a instalação de grandes fazendas e rodovias. Esta é que tem sido o laboratório dos inúmeros estudos sobre a região. A outra está na sombra. Ou na água.

Quanto à diferenciação criada, produzida, esta fica mais evidente quando se percebe na paisagem, por exemplo, as diversas estratégias para os diversos pontos do território amazônico, e, na combinação de fatores, surgem reações distintas. Ora, por que o empate, processo de resistência ao desmatamento só ocorre no Acre? Por que não surgiram reservas extrativistas no Pará?

É inegável que a criação de toda uma infraestrutura rodoviária provocou mudanças substanciais numa região até então posta como isolada, com seus laços dados a partir da malha fluvial. Tempos distintos passam a conviver no mesmo espaço produzindo novas relações sociais e uma percepção diferente do processo de valorização do espaço e dos recursos aí contidos. Todavia, isto só pode ser verdadeiro para aqueles lugares em que a estrada chegou, pois ela trouxe consigo mesma o símbolo da modernização e suas consequências. No entanto, para aqueles lugares em que a mesma não atingiu, os ritmos continuam sem muita disparidade. E ela não chegou em muitos lugares. Tomando como exemplo o Estado do Amazonas, apenas duas cidades, das sessenta e duas sedes de municípios, surgiram em torno das rodovias, e ambas estão envolvidas por projetos: a cidade de Presidente Figueiredo, às margens da BR-174, que liga Manaus a Boa Vista, é suporte da mineração de cassiterita da empresa Paranapanema; e Apuí, que é sede de um projeto de

colonização agrícola e possível palco de futuros conflitos. Grande parte da calha central do rio Amazonas-Solimões não foi afetada por rodovia e é aí que está a outra Amazônia.

Assim, fica difícil assimilar totalmente as afirmações, como a feita por BECKER, (1990) de que "altera-se drasticamente o tempo e o espaço regionais; e as relações, que por via fluvial se faziam em meses e dias, passam a se contar em termos de hora" O verbo no passado parece querer indicar o fim da mobilidade por via fluvial. Da mesma forma, vamos encontrar em GONÇALVES et alli (1994) afirmações como: "um novo processo de ocupação que se tem verificado, nos últimos 30 anos, em torno das rodovias e ferrovias tira dos rios o eixo da organização social e ecológica do espaço amazônico"; ou ainda: "o padrão rio-várzea foi bruscamente substituído pelo padrão rodovia-ferrovia, terra-firme e subsolo" Isto produz o efeito de abafar tudo o que ocorre nas várzeas amazônicas.

Como, por exemplo, a Capitania dos Portos, ao estimar que circulam na Amazônia mais de 100 mil embarcações de diversos tipos, desde as de uso particular, com várias dimensões, até as embarcações que estão transportando cargas e passageiros, atendendo aos fluxos inter-regionais, operadas por grandes empresas e ribeirinhos. As maiores cidades da Amazônia estão às margens dos rios e polarizam outras tantas na mesma localização e condicionadas a um mundo fluvial. Além disso, as estatísticas do IBGE indicam que 48% da população é rural. Sabemos, no entanto, que nem todos estão nas várzeas. É surpreendente verificar também as análises em torno da questão dos atores sociais. Emergem apenas índios e seringueiros, como se só estes compusessem a sociedade amazônica originária. Isto é compreensível, pois foram os mais vulneráveis ao processo de incorporação da região, porque situados na rota das ferrovias. Ainda podemos perguntar: as cidades que estão às margens dos rios e que foram atingidas por rodovias substituíram, realmente, seus laços com a via fluvial? Até mesmo o camponês ou posseiro dos quais se fala na Amazônia são aqueles que chegam por rodovia. É por que não considerar o colono também como "estranho" na medida em que este se defronta com a população local impondo uma relação de superioridade, vendo no índio ou no ribeirinho o "outro"?

Em terceiro lugar, gostaríamos de levantar algumas questões sobre o "coração" da Amazônia, ou seja, toda uma região cercada pelo arco de rodovias que ligam Belém-Brasília- Cuiabá- Porto Velho- Rio Branco. Toda esta imensa região, onde os fluxos são

dados pela via fluvial, está, com poucas exceções, imune aos grandes projetos agropecuários e minero-metalúrgicos, e, de certa maneira, imune aos conflitos. Diferente de sua periferia, a ação do Estado e do capital nesta área é praticamente nula. Com o acesso dado somente por via fluvial, o uso da terra, a especulação e a grilagem dão outro caráter à valorização da mesma. Ainda que apropriada em quase sua totalidade, as relações sociais existentes em nada se assemelham à outra Amazônia.

Ocupada centenariamente por milhares de ribeirinhos, que aí produzem, reproduzem-se, circulam e consomem, sua existência é praticamente mascarada, ou fica na sombra porque não se constituíram, para o discurso hegemônico, enquanto foco ou vítima da ação dos atores dominantes. Somente o índio emerge, e não seus descendentes. A ausência de confronto ou de conflito os exclui como parcela componente dos atores sociais da Amazônia. Esquecê-los é o mesmo que assumir o discurso do vazio amazônico.

Entender esta Amazônia, onde a ação do Estado e do capital são insignificantes, exige mais do pensamento crítico, até porque não há evidências na paisagem, como uma hidrelétrica, uma rodovia, uma grande fazenda, uma mineração etc, que demonstrem o saque, a expropriação. Como o discurso está muito preso à terra, sua posse, sua disputa, seu uso, seja como reserva de valor, meio de produção ou meio de sobrevivência, há uma certa dificuldade de apreender a importância da água na Amazônia. Água enquanto recurso produtivo, inapropriável, socializada, via de circulação, "modelador" da paisagem; água que leva terra e que produz terra.⁴ Vive-se dela e mesmo sobre ela, basta ver o singular papel das casas e mercearias flutuantes em quase todos os rios e lagos da região, funcionando como ponto de apoio para abastecimento, troca de produtos, ponto de referência para os ribeirinhos e ponto de transbordo para outras localidades. Com certeza não envelheceu a observação feita por MORAES em 1906: "Os defuntos vão pra cova embarcados, embarcados vão os noivos, os padeiros, as procissões, os caçadores, os comerciantes, os trabalhadores, os eleitores, os namorados, os músicos. O rio é a rua." Esta condição pressupõe uma outra forma de produção do espaço, seu uso e circulação.

4 Refiro-me aqui à dinâmica fluvial, pois, ao mesmo tempo em que os rios produzem o fenômeno das "terras caídas", reduzindo as propriedades que estão às margens dos rios, fazem surgir noutros lugares bancos de areias, que são por sua vez usadas para o plantio.

TERRA DE CABLOCO

Se é a disputa pela terra na Amazônia que ganha destaque, por que não se disputam as terras férteis de várzea? Por que a massa de migrantes nordestinos e sulistas, os projetos de colonização e mesmo os grandes grupos empresariais e fazendeiros "paulistas" não procuraram a várzea para ocupar? Tentamos encontrar uma resposta para cada segmento. Por um lado, os migrantes pobres, nordestinos e sulistas, além da impossibilidade de acesso à rodovia, culturalmente não comportam em seu modo de vida a combinação terra-água-floresta para reproduzirem-se. Aqueles que migraram no surto da borracha e foram depois para a várzea passaram por um longo processo de *caboclicização*, deixando para seus descendentes o conhecimento sobre a terra, formas e período de plantio na várzea; sobre a água cheia, vazante, piracema, pesca, navegação, mitos etc; e sobre a floresta - caças, resinas, sementes, raízes, madeiras, palhas, remédios, mitos etc.

Quanto aos grandes grupos empresariais, ou "paulistas" pensamos que o problema esteja na dificuldade de apropriação direta da renda diferencial I, aquela oriunda da fertilidade natural dos solos ou de sua localização frente aos mercados. Assim, as terras de várzea, se por um lado são possuidoras de uma grande fertilidade em virtude de regime fluvial anual, por outro estão ainda longe do acesso pelas

rodovias. Isto gera outro problema para os capitalistas, que é o da dificuldade de valorização da terra, reduzindo a ação de especuladores e grileiros. Como falar aqui em terra enquanto reserva de valor? A questão é a da impossibilidade da constituição de enormes fazendas de gado devido às características físicas da várzea, quando largas faixas, de até 100km, são completamente inundadas.

As terras de cabloco impõem problemas à rápida valorização do capital investido. Para o cabloco, o significado do que há sobre ela em nada se assemelha ao significado posto pelos latifundiários e especuladores.

Para finalizar, devemos lembrar que a Amazônia vem ingressando de forma cada vez mais intensa na divisão internacional do trabalho. Hoje a região exporta uma diversidade de produtos que vão de raízes, sementes, folhas e resinas até eletroeletrônicos, passando por minérios, madeiras e peixes (vivos e congelados). Não podemos, ainda, esquecer de que estamos na maior bacia hidrográfica do mundo, responsável pelo escoamento de um quinto do volume de água doce do mundo, e que este importante recurso natural é limitado e desigualmente distribuído e consumido pelo globo. Poderá, então, não ser surpresa se em breve este recurso transformar-se em mercadoria e entrar, também, na pauta de exportação da região. Por que não?

BIBLIOGRAFIA

- BECKER, Berta. *Geopolítica da Amazônia*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1892.
- _____. *Amazônia*. São Paulo, Ed. Ática, 1990.
- CARDOSO, F. & MULLER, G. *Amazônia: Expansão do Capitalismo*. São Paulo, Brasiliense, 1977.
- GEOGRAFIA DO BRASIL, REGIÃO NORTE (VOL.3)*. Rio de Janeiro, F.I.B.G.E., 1989.
- GONÇALVES, Carlos W. et alli. *Infra-Estrutura Urbana e Viária*. In: *Amazônia Uma Proposta Interdisciplinar de Educação Ambiental*. Brasília, IBAMA, 1994.
- IANNI, Octávio. *Colonização e Contra-Reforma Agrária na Amazônia*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1979.
- _____. *A Luta pela Terra*. (3a. ed.) Petrópolis, Ed. Vozes, 1981.
- MARTINS, José de S. *Expropriação e Violência*. (2a.ed.) São Paulo, Hucitec, 1982.
- _____. *A chegada do Estranho*. São Paulo, Ed. Hucitec, 1993.
- MORAIS, Raimundo. *Na planície Amazônica*. (7a.ed.) Belo Horizonte, São Paulo, Edusp, 1987.
- NOGUEIRA, Ricardo J. *Amazonas: Estado Ribeirinho (Estudo do Transporte Fluvial de Cargas e Passageiros)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, F.F.L.C.H./ USP., 1994.
- OLIVEIRA, Ariovaldo U. *Amazônia: Monopólio, Expropriação e Conflitos*. Campinas, S.P., Papirus, 1987.
- PINTO, Lúcio F. *Amazônia: no Rastro do Saque*. São Paulo, Ed. Hucitec, 1980.